

CAPÍTULO 1

Esta história tem início no dia 26 de abril de 1986 e vai até 13 de setembro de 1987. O cenário é uma cidade chamada Tijuco Verde e o protagonista, um rapaz de 29 anos chamado Januário Ladeira, residente no Bairro da Saúde.

O Bairro da Saúde divide-se em três zonas diferentes.

Na margem direita do Rio Tijuco Verde fica o Morro dos Canudos, área distante das inundações e com uma paisagem privilegiada. No entanto, sabe-se lá por qual motivo, há anos decidiram instalar ali uma profusão de torres de alta tensão, com o que aquele espaço perdeu seu valor imobiliário, dando lugar a uma ocupação irregular, a Favela do Curto-Circuito.

Do lado esquerdo do Tijuco Verde e à direita do Córrego da Ratazana, seu afluente, fica a zona popularmente chamada de “ruas dos duendes” – denominação que será em breve explicada. É ali, na Rua da Lama, onde mora Januário, com seus pais e, até há bem pouco tempo, também com o seu irmão César. Na esquina da Rua da Lama com a Avenida Elias da Mata (que margeia o Córrego da Ratazana) acha-se instalada a Padaria Santa Cecília, onde o Sr. Melquíades Belafonte trabalha como chapeiro.

O Córrego da Ratazana, que divide a Avenida Elias da Mata em duas pistas, é a chamada “linha da miséria”. De um lado ficam as ruas dos duendes, a saber, as ruas da Lama, Paulo Borges, da Pomada e Mariana Garcia Torres, lado pobre. Todas elas começam na Avenida Elias da Mata, são cruzadas pela Rua Vladimir Garcia Magalhães e terminam no matagal que margeia o Rio Tijuco Verde, exceto a Mariana Garcia Torres, que termina no asfalto da Avenida do Progresso, diante do Depósito de Lixo Orgânico. Aquém da linha da miséria ficam as ruas dos ex-integrantes da Classe D, que trabalharam bastante, guardaram seu dinheiro na Caderneta de Poupança e finalmente ascenderam à Classe C na escala econômica da sociedade tijucoverdense. Esse lado esquerdo do Córrego da Ratazana é a zona menos degradada do Bairro da Saúde. São apenas quatro ruas entre a Av. Elias da Mata e a Av. Coimbra: as ruas George Harrison, Caito Gomide, Alfa e Mariana Garcia Torres (lado chique).

Ao atravessarmos para o outro lado da Avenida Coimbra, a história muda de figura. Ali começa a Vila Portuguesa, que abriga um condomínio residencial de luxo onde mora a nata da sociedade. Bom, começa em termos. Melhor seria dizer que ali fica o lado Leste da Muralha dos Templários, que rodeia todo o bairro

, com residências amplas, piscina no quintal e garagem para doze automóveis. Embora ocupe uma área do tamanho do Bairro da Saúde inteiro, sua população é muito mais reduzida, já que cada quarteirão conta no máximo com quatro casas. No lado acessível da Vila Portuguesa, fora do confinamento do condomínio, bem na esquina da Avenida Coimbra com a Rua Viana do Castelo, fica a Organização Contábil e Imobiliária Duas Pátrias S/C Ltda., de propriedade do Sr. João Cabral, ex-empregador de Januário Ladeira.

Como não podia deixar de ser, Tijuco Verde tem também uma região central, onde se encontram a Igreja de Santa Cecília, o Shopping Center e os principais órgãos da prefeitura da cidade, dentre eles o Serviço Municipal de Esgoto, na Avenida Pero Vaz de Caminha, onde trabalha Januário Ladeira.

Por fim, temos a Vila Aimoré, um bairro de certa forma independente do resto da cidade, que se chega pela Avenida Pero Vaz de Caminha, ou pela estreita ruela da Biblioteca Municipal de Tijuco Verde.

*

**

Januário Ladeira considera-se um abnegado cientista, tanto sob a perspectiva acadêmica como sob a profissional. Um cientista atuarial, frise-se. Não fez amizades com ninguém nos tempos de faculdade, paga a duras penas por seu pai. Centrado nos estudos, apaixonou-se pelas sagas dos primeiros guarda-livros da história do Brasil. Folheando o “Manual do Escriptorio”, de Idelfonso de Souza Cunha, Januário se imaginava realizando a escrituração comercial de estabelecimentos do Rio de Janeiro à época de Dom Pedro II. Sonha ter um dia o seu nome gravado na História da Contabilidade do Brasil ou, pelo menos, de Tijuco Verde.

Januário sabe que, para a quase totalidade das pessoas, a Contabilidade soa como algo estéril, mortalmente enfadonho, e que é tão somente por se tratar de algo tão chato e minucioso que as pessoas procuram um contador. Ou seja, o mercado de trabalho é promissor porque todos pagam de bom grado para se verem livres do que consideram um tormento. Afinal, quantas pessoas se deliciam com o preparo de uma declaração anual de imposto de renda? Por isso, ele tem a convicção de que haverá sempre serviço bem remunerado para quem ama sinceramente as Ciências Atuariais e venera a figura de Gaspar Lamego, primeiro contador do Brasil, nomeado por Rei Dom João III no dia 5 de janeiro de 1549 para cuidar das contas do Governador Geral Thomé de Souza, na Bahia.

Nosso herói não se limita a estudar a vida dos pioneiros da Contabilidade no Brasil ou a aplicar seus conhecimentos na área financeira e tributária. O que ele aprendeu na faculdade, aplica em sua própria vida. Rapidamente entendeu que, por meio das Ciências Atuariais, poderia certificar se, por exemplo, o número de momentos felizes num determinado ano de sua vida superou ou foi superado pelas tristezas e preocupações. Nesse passo, segue a doutrina de Jeremy Bentham: mede sempre os prós e os contras. Não acha o sistema infalível, mas ao menos ele o poupa do vexame de cometer impropriedades lógicas por conta de um pequeno problema neurológico que ele acredita ter: inflamação no hipocampo.

Acostumou-se com esta rotina. Por meio de um trabalho diário de contabilização, muitas vezes acaba se convencendo de que o bem-estar que está sentindo neste momento por conta do clima ameno, do brilho do sol, do canto dos pássaros, está longe de superar as noites sombrias de solidão e desesperança. A contabilidade emocional é análoga à comercial. Assim também o ingresso de um valor qualquer no caixa pode nos dar a ilusão de que o negócio vai bem, mas na verdade não passa de queima de estoque com prejuízo evidente.

Januário aplica seus conhecimentos atuariais até mesmo para a análise dos problemas ambientais e imobiliários de sua cidade. Guardar coisas inúteis tem um custo, por isso são tão importantes as duas áreas reservadas para o depósito de lixo na cidade, ambas no Bairro da Saúde. Numa delas à esquerda da Avenida do Progresso (marginal do Rio Tijuco Verde), próxima à sua casa, é despejado apenas o chamado lixo seco; na outra, à direita, no sopé do Morro dos Canudos, fica o lixo tóxico, orgânico e hospitalar. Espaços têm um custo. O Planeta Terra é finito. Até Tijuco Verde é finito. Não temos muitos lugares para depositar o lixo produzido diariamente, lixo que alimenta bactérias, vírus, bacilos, micróbios das mais variadas cepas, hospedados em ratos que transitam pelas ruas ocupadas por prédios públicos com marquises utilizadas para abrigar mendigos nos dias de chuva. Tudo isso deve ser contabilizado. Na equação do mercado imobiliário, qual é a depreciação no valor de uma residência se, nas imediações, à noite, os ratos saem das tampas de esgoto, os sem-teto se alojam pelos cantos dos muros e um barzinho fuleiro toca música ruim até quatro da madrugada? Essas podem ser algumas das tarefas delegadas ao cientista atuarial que, obviamente, não deverá se restringir às regras das partidas dobradas. Não. Será preciso adquirir conhecimentos de microbiologia, de higiene social, psicologia, especulação imobiliária, será preciso sobretudo ter uma boa dose de

sorte para estar no local certo, no momento correto, para se fazer notar perante o Dr. Basílio Brasília Enéas Elias da Mata – diretor-geral do Serviço Municipal de Esgoto à época em que Januário ingressou no setor público.

Mas não coloquemos os carros na frente dos bois. Por ora, basta dizer que seu gosto pela Contabilidade foi, por muito tempo, o seu patrimônio intelectual mais caro. E foi essa paixão que o levou a prestar um concurso público para ingresso na Administração Pública Municipal, vindo a trabalhar no Setor de Dívidas do Serviço de Esgoto.

Cabe aqui uma brevíssima digressão de natureza administrativa. A Prefeitura Municipal de Tijuco Verde conta com três Secretarias. Uma delas é a Secretaria Municipal de Segurança Pública, Lazer, Saneamento Básico e Habitação, à qual está vinculado o Serviço Municipal de Esgotos. Este órgão, por sua vez, subdivide-se em três setores: o Serviço de Inspeção de Manilhas e Tubulações, a Procuradoria Geral e o Setor de Dívidas. O quarto setor foi desativado há dez anos (Serviço de Engenharia e Obras). O Serviço de Esgotos é, no entendimento de Januário Ladeira, o mais importante órgão governamental do Município de Tijuco Verde, pois detém a palavra final em qualquer deliberação relacionada ao controle de bactérias, vírus, helmintos, protozoários e fungos.

Poucas são as pessoas que conhecem a diferença entre esses tipos de seres vivos. Há mesmo quem confunda helmintos com protozoários, desconhecendo que os ovos e larvas produzidos pelos primeiros só se desenvolvem ao serem lançados no ambiente pelas fezes, ao passo que os protozoários vivem no interior do hospedeiro. Por outro lado, se ninguém vai contrair cólera ou sífilis por haver sido contaminado por um fungo, isso não o torna menos perigoso.

Januário conhece razoavelmente o tema e sabe identificar o que pode provocar malária, meningite, febre amarela, candidíase ou cisticercose. Mas não será necessário estudar com profundidade Biologia para se desvendar as tramas desta história. Basta, por ora, saber que esse caldo biológico pode ser extremamente perigoso. Nosso empenhado contador está plenamente convicto de que, nas mãos de munícipes mal-intencionados, o esgoto não tratado pode ser utilizado como verdadeira arma biológica. Alguém se lembra da sopa primordial, aquele caldo que, submetido a radiação ultravioleta e a descargas elétricas no ambiente controlado de um laboratório, dava origem a coacervados? Pois bem, cesse tudo o que os compêndios escolares de biologia cantam: a densa pasta que escorre pelos canos de esgoto não gera meros coacervados. Januário é uma das únicas

peças na cidade que sabe ter ela potencial suficiente para atingir toda a população de Tijuco Verde, provocando doenças e mortes em massa.

É aqui que entra o Serviço de Esgoto. Por tratar-se de um trabalho realizado nos subterrâneos, pouquíssimos são os que têm consciência da real dimensão do poder de fogo deste órgão para o qual ele oferece a sua modesta contribuição acadêmica. Antes dele, outra pessoa também estava atenta a isto: Oseias Ascensão, a quem nosso herói substituiu no Setor de Dívidas. Mas este livro não vai entrar em detalhes sobre a vida desse ex-funcionário do Serviço Municipal de Esgoto, hoje um bem sucedido pastor.

Januário defende os munícipes das ameaças de uma guerra bacteriológica. Não exatamente na linha de frente, exterminando os agentes patológicos, mas nos bastidores. Sua aprovação no concurso público foi a realização de um sonho, pois até então, a serviço da Organização Contábil e Imobiliária Duas Pátrias, o dinheiro que recebia mal dava para o ônibus. O novo emprego estável, agora, permitirá que ele se afaste da influência nefasta de Benedito Montana, amigo da época da banda *Lá Bemol*. Teremos, porém, oportunidade de falar bastante sobre a vida musical de Januário. Por enquanto, vamos nos concentrar em sua vida profissional.

*

**

Sábado, 26 de abril de 1986, é dia de festa. Januário Ladeira assina o termo de posse no cargo de Auxiliar de Contabilidade. Comparecem à cerimônia de posse seus pais, seu irmão César, o Sr. Melquíades e sua esposa, D. Lia, na presença do diretor do Departamento de Pessoal da Secretaria de Segurança Pública, Lazer, Saneamento Básico e Habitação. A cerimônia é simples, limita-se à assinatura de seu nome numa folha de papel. Em seguida, é liberado, porque o diretor quer fechar logo a repartição e voltar para casa.

— Sob a perspectiva atuarial, tomar posse no dia de hoje é muito bom! Assim, ganho dois dias sem trabalhar — pondera o rapaz aos seus convidados. — Mas, para efeito de contagem do tempo de férias, não terei nenhuma vantagem porque o dia 25 de abril de 1987, quando completar um ano de serviço, cairá num sábado.

Os seis voltam no caminhão do pai de Januário e vão comemorar a vida nova do rapaz em sua casa na Rua da Lama, com direito a sanduíche de metro da Padaria Santa Cecília, Fanta Laranja e Guaraná. Naquele breve fim de semana, Januário sonha que a

estabilidade, o prestígio e a remuneração garantida farão de sua vida profissional um mar de rosas. Mas a ilusão logo será desfeita. Não por causa do que aconteceu no domingo, em San Marino, quando, depois de Ayrton Senna largar na pole e Nelson Piquet em segundo lugar, quem levou os nove pontos foi Alain Prost. Quem irá tirar seu bom humor será seu superior hierárquico, Dr. Décio Linhares, incumbido de tornar o ambiente de trabalho do novo auxiliar de contabilidade irrespirável.

*

**

Quando se lembra de seu primeiro dia de trabalho no SDSE — Setor de Dívida do Serviço de Esgoto, vem à mente de nosso protagonista um funcionário que dorme reclinado em sua mesa, o rosto amassado sobre a máquina de escrever. À frente dele, outro sujeito, muito magro, afugenta insetos voadores inexistentes dando tapas no ar. Numa mesa atravessada que faz um ângulo de 45 graus com as paredes, o chefe, com os cabelos loiros penteados de lado, palita cuidadosamente seus dentes, sentado sobre uma lista telefônica que coloca no assento de sua cadeira para tornar-se mais visível aos subordinados, já que a genética não o contemplou com uma estatura superior a um metro e meio.

Januário entra em cena e apresenta-se como o novo funcionário da repartição. O chefe olha muito rapidamente para o seu rosto e logo volta-se para alguns papéis sobre sua mesa. O jovem fica ali parado, sem saber o que fazer, até que Décio Linhares diz a ele, com toda seriedade:

— Acho que tem um dente cariado aqui.

Abre a boca e faz um sinal para que Januário se aproxime.

— Dá uma olhadinha pra mim. Está vendo? É bem no fundo. Não tem alguma coisa diferente?

O novato fica meio constrangido, sem saber se aquilo é algum trote de calouro, mas o chefe insiste, agora num tom autoritário. Com muito esforço, Januário balbucia:

— Não vejo nada.

— O senhor quer dizer que estou fazendo fita?

— De forma alguma, doutor. É que sou jejuo em odontologia.

— Jejuo? Que é isso? Seu Geraldo, veja aí em seu dicionário o que é que significa jejuo.

Seu Geraldo é aquele senhor magro e de cabeleira espessa que espanta moscas invisíveis. Imediatamente interrompe sua agitação e corre para consultar um dos cinco volumes do dicionário Aulete que o protegem como uma trincheira dos olhares de quem está à sua frente. Dr. Linhares insiste:

- Olhe bem, deve haver algum dente com buraquinho.
- Que dente é? – pergunta o calouro.
- Como posso saber o nome? Sei lá, canino, molar...
- Sinceramente, doutor...

Dr. Linhares ergue-se, irritado.

— Já vi tudo. Deixe-me apresentá-lo aos seus novos colegas de trabalho, que é mais útil. Esta é a Andréa Albuñuelas, formada em jornalismo e especialista em ofícios. Andréa, o Januário começa hoje, substituindo o Reverendo Oseias. Tem curso superior. Ciências *Actuarias*.

- Actuarias – corrige o rapaz, baixinho.

Andréa fita o novo colega com uma expressão sonolenta:

- Tome cuidado com os carpetes, estão rasgados e às vezes a gente tropeça.

Januário olha para o chão. De fato, o tapete cinza está todo puído, com rombos provocados por bitucas de cigarro. Começa a calcular quantos ácaros deve ter por centímetro quadrado. Quantas bactérias. Mas talvez a hulha, a nicotina e o alcatrão dos cigarros fumados ao longo de tantos anos tenham transformado aquela superfície irregular num extenso deserto inóspito para qualquer micro-organismo.

— Este é o Sr. Geraldo Moustique, o meu substituto na grade de chefia – prossegue o chefe. — Tudo o que se faz aqui, o Sr. Geraldo confere. Nada escapa. Tenha sempre isso em mente.

O Sr. Geraldo interrompe a pesquisa lexicográfica e, como um militar, ergue-se prontamente e estende a mão, cumprimentando-o:

— Seja muito bem-vindo ao Setor de Dívida do Serviço de Esgoto – diz, olhando para o auxiliar de contabilidade com muita seriedade. Januário mal tem tempo de estender a mão, já é arrastado para a mesa seguinte.

— E este é o Almir Blatta — Dr. Linhares chacoalha os ombros do funcionário que, assustado, empertiga-se:

— Está na hora do café? Preciso de mais café porque hoje o trabalho está sobrecarregando minha mente!

— Almir processa todas as coisas aqui. É incrível!

Por fim, o chefe aponta para uma mesa vazia, defronte a uma janela espelhada.

— Esta é a sua mesa de trabalho, Januário – e, num espasmo de riso: — Ou devo chamá-lo de Dromedário? Ahah!

Januário / Dromedário. O rapaz tenta rir do trocadilho estúpido, mas consegue apenas esboçar um sorriso constrangido. Já instalado em sua mesa, repete mentalmente os nomes dos novos colegas. Em seguida desenha numa folha de papel a disposição das mesas e os nomes de cada novo colega para memorizar. Ele sabe que não se deve nunca confiar na memória imediata, sobretudo quando o nosso hipocampo sofreu forte ataque na juventude por conta da inalação de supositórios veterinários. O Sr. Geraldo Moustique chega então à frente da mesa do Dr. Linhares e, ora dirigindo o olhar para o chefe, ora para o novo colega, diz em alto e bom tom, como se estivesse dando início a um pregão:

— *Jejuno. 1. Que está em jejum. 2. Em sentido figurado: que é leigo, ignorante em alguma coisa: Político jejuno em psicologia das massas. Substantivo masculino. 3. Anatomia. Porção do intestino delgado que se segue ao duodeno e antecede o íleo.*

E Décio Linhares:

— Você está sem café da manhã, Januário? Foi isso o que você quis dizer? Está com fome?

Na verdade, Januário está jejuno em matéria gastronômica, mas isso não importa.

*

**

Januário Ladeira pede para ler o que está sendo escrito aqui e reclama: a história não pode iniciar-se desta forma, falando de sua paixão incontida pela Contabilidade e já saltando para a Filosofia Utilitarista de Jeremy Bentham. Será bem melhor começar do começo, falando sobre a vinda de povos africanos para a América há cem mil anos, quando o Atlântico era 140 metros mais raso do que hoje e havia muito mais ilhas para escala durante a travessia. Então, com base na tese de Niède Guidon, o Capítulo 1 seria voltado à explicação do que sucedeu muitos milênios antes do que Homero houvesse criado a Ilíada, a Odisseia e dezenas de outras epopeias que não chegaram ao nosso tempo por culpa dos malditos romanos (como diria Asterix). Começaria no interior do Piauí,

onde já se praticava a escrituração contábil, como o comprovam as pinturas rupestres de Pedra Furada.

Em seguida, ele pondera com este narrador que este início com tamanho salto histórico deve ser justificado a partir de um balanço contábil: pesemos os prós e os contras, assim como fez o tenente-coronel Oliver North há um ano (em 1985), usando o lucro obtido com a venda de armas para o Irã em troca da libertação de reféns e investindo nos contras, em detrimento dos sandinistas.

Tudo não passa de simples contabilidade. Januário reflete que Andréa deve ter pensado: valerá a pena deixar o colega arrebentar o rosto durante o expediente? Para ele, isso significaria uma semana de licença-médica. Para a redatora de ofícios, seria perder a chance de reduzir um pouco a sua carga de trabalho. Ela pesou os prós e os contras e preferiu alertá-lo sobre o risco de tropeçar no carpete rasgado. Valerá investir seu tempo na limpeza da poeira acumulada nos mecanismos de um relógio-cuco no qual você sequer dá corda, correr o risco de contrair uma rinite alérgica e passar as próximas 24 horas ouvindo a cada meia hora o seu canto mecânico, justamente na semana em que você vai receber parentes seus distantes vindos, digamos, de Riga? Coloque tudo no papel, não esqueça nenhum detalhe e você saberá se tomou ou não a decisão correta: pode ser que a rinite e o cuco sejam muito mais agradáveis do que o estudo de gramática do Letão.

O exemplo escolhido por Januário é despropositado, ilógico, um verdadeiro *nonsense*, mas ele acredita piamente que acaba de demonstrar o acerto de seu raciocínio e se justifica dizendo que, se pararmos para refletir, veremos que tudo o que ele fala é perfeitamente racional e contorna os percalços impostos pela inflamação no hipocampo, por mais intensa que ela seja. Paradoxalmente, porém, não é por outro motivo que de repente ele muda de opinião e começa a refletir sobre o acerto da decisão do autor desta obra. Suas anotações no livro-diário permitem-no chegar a esta decisão insofismável que passa a demonstrar analiticamente:

- Fato: estava faminto, maluco por devorar um saco tamanho família de Doritos que lambuzariam suas mãos e seu rosto de óleo, sal e corante vermelho.
- Ponderação: não se deve jamais fazer compras no supermercado ou iniciar um romance de estômago vazio.
- Motivo: fatalmente se não tiver Doritos, você acabará comprando Chitos, Baconzitos, Gorduritos, Fandangos e outros petiscos à base de corante e

cheiro de ranço que suprirão 100% de suas necessidades anuais de sódio, mas que não contribuirão em nada para conferir um caráter de dignidade à abertura do romance.

- Risco possível? Nonada. Ele sabe de gente que por um bom tempo hesitou se devia abrir suas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o seu nascimento ou a sua morte. E até mesmo esses vacilões acabaram ficando conhecidos no meio literário.

Contabilizando tudo, ele chega agora à conclusão de que estupidez não foi a referência aos pioneiros das Ciências Atuariais ou à Filosofia Utilitarista, mas conferir as honras da abertura do livro a uma figura desprezível à qual ele associa sempre alguma sensação de desconforto ou ânsia de vômito. Caso do Dr. Décio Linhares. Ou da calçada em frente ao Bariloche Hotel. Muito mais elegante seria começar com um erudito diálogo com Andréa Allbuñuelas no Calendas Bar, já à época em que ela tiver pedido exoneração do Serviço Municipal de Esgoto para trabalhar como professora de Jornalismo Eletrônico.

É claro que hipocampos inflamados sempre não de encontrar justificativas racionais. Por exemplo, o autor sustentará que estava simplesmente respeitando a cronologia dos fatos e facilitando a compreensão da trama para seu seletivo grupo de leitoras. A justificativa é frágil: quem foi que disse que a vida de nosso herói começou no primeiro dia de trabalho no Setor de Dívidas do Serviço de Esgoto e não, digamos, quando iniciou a sua vida profissional como contador na Organização Contábil e Imobiliária Duas Pátrias? Ou antes mesmo, no dia em que os veteranos vieram dar o trote nos calouros da Faculdade de Administração de Empresas, Ciências Atuariais e Secretariado de Tijuco Verde, colocando coleiras em seus pescoços e obrigando-os a pedir esmolas na rua? Ou naquela noite friorenta em que o filhote de bicho-preguiça veio pedir proteção (havia escapado dos incêndios criminosos no perímetro, provocados a mando do proprietário da Mineradora Bedengó) e que ele acolheu de braços abertos, mais para se aquecer na barraca onde estava acampado do que por compaixão, já que o frio era tanto que suas bolas haviam se recolhido para a altura dos rins?

Se isto fosse uma autobiografia, Januário começaria no dia em que decidiu criar a banda Lá Bemol. Bongô, piano, violão, gaita e um gravador de fita cassete. Começar pelo primeiro dia de trabalho? Lembrar-se de como tudo começou, das razões que o levaram a sair da casa dos seus pais no sábado do churrasco, a encher a cara, ser escorraçado do bar e acabar dormindo na calçada, a cara no chão? Não, isso é que não!

Por esse motivo, sugere que seria bom destruir tudo o que foi escrito até aqui e recomeçar o capítulo, evitando o constrangimento de revelar publicamente que seu chefe o chamava de dromedário, que o Sr. Geraldo afugentava moscas invisíveis, que o carpete estava rasgado etc. Ou seja, não começar com a imagem crítica de uma repartição pública decadente com funcionários desmotivados, como sagazmente destacarão as leitoras e os leitores atentos quando o livro estiver publicado.

Apagando esta abertura, evitar-se-á que as pessoas sejam induzidas em erro, levando-as a acreditar que estão diante de um romance sobre os meandros da burocracia, alguma coisa entre *O Processo* de Franz Kafka, *O Amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos, *Bartleby, o Escrivão* de Herman Melville, *A Trégua* de Mário Benedetti e as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* de Lima Barreto. Afinal, sejamos realistas: no Antropoceno, ninguém está interessado em saber de velhas repartições públicas decadentes do Século XX, por mais relevante que seja preservar a saúde contábil do Serviço Municipal de Esgoto, evitando que alguns malandros se locupletem, gozando das mordomias inerentes ao afastamento das águas servidas sem a contrapartida do pagamento das taxas pelos serviços prestados. Na verdade, este deve ser um romance de amor – a história da grande paixão de Januário Ladeira pelo saneamento das contas de sua repartição, a fim de tornar-se digno do amor incondicional de uma mulher bacaninha e de obter capital para alugar uma casa e comprar um MSX.

Nada impede que, mantendo esta abertura, recorramos a *flashbacks*, narrando o dia em que Benedito Montana convenceu Januário de que nada havia de errado em arrancar brucutus dos carros parados na rua para confeccionar anéis iguais aos do Erasmo Carlos nos programas da Jovem Guarda. Naturalmente, nosso protagonista jamais usou esse tipo de anel. A experiência serviu apenas como vestibular para o mundo do crime. Naqueles tempos de pequenos furtos e depredações, ele colecionava figurinhas do álbum Coisas Nossas com seu irmão César. Quando não tinham dinheiro para comprar figurinhas, colecionavam santinhos, que furtavam da sacristia da Igreja de Santa Cecília, na esquina da Sousândrade com a Guimarães Rosa. Ou então carteiras de cigarro que ele catava em pontos de ônibus e calçadas de botecos acompanhado de uma menina. Quem seria? Provavelmente Joanhina, a filha do Melquíades.

É claro que milhões de coisas aconteceram antes da posse no cargo público, a começar pelo seu nascimento. Incontáveis cenas, algumas comoventes, a maioria vexatórias, poderiam ocupar as páginas deste livro. Mas qual seria a vantagem que ele

obteria em expor ao público cada dia de sua vida, como se estivesse diante do Juízo Final? O que o levaria a erguer seu rosto daquela calçada imunda e iniciar um livro de memórias sincerizadas? Não que ele ache sua vida pregressa imoral ou ordinária. Não foi. Não poderia ser. Na verdade, nem faz sentido qualificar qualquer vida de “comum”. Cada pessoa segue sua própria trajetória e até mesmo quem nunca saiu de sua cidade natal pode contar muitas histórias sobre a sua infância, juventude, maturidade e velhice. Melquíades disse uma vez a ele que o filósofo Emanuel Kant nunca deixou a cidade onde nasceu, Königsberg – hoje Kaliningrado, um enclave russo em território polonês-lituano. Kant deve ter tido uma vida muito mais interessante do que a de 99% da humanidade, embora asséptica, sem fungos nem vermes, já que era um alemão. Vale o mesmo para algumas pessoas que nunca saíram de Nova Zelândia, Sudão do Sul, Belize ou Islândia.

No que diz respeito especificamente ao livro em curso, talvez valha a pena informar que Januário era fanático por Érico Veríssimo e sempre quis escrever uma espécie de *Olhai os Lírios do Campo* com um toque de Salinger, alguma coisa como *Olhai os Campos de Centeio*. Por muitas eras acalentou essa ideia, mas um dia, depois de terminar de ler *A Lavoura Arcaica*, do Raduan Nassar, concluiu que as histórias absurdas que deitava no papel eram pura verborragia gestada por um hipocampo inflamado (novamente o hipocampo inflamado!).

Mas tudo tem seu lado positivo. O exercício da escrita nos dá desenvoltura na datilografia. Januário é daqueles que têm o requinte de usar o mindinho esquerdo para as letras a, q e z, sem pensar nos movimentos dos dedos.

Muitos anos mais tarde, ao substituir a máquina de escrever pelo computador, já não pensará Januário nem nos seus dedos nem nas frases que forem derramadas na tela — mas como esta história termina em 1987, tudo aqui é datilografado. Enquanto isso, sempre que Januário lê o que está escrito, aborrece-se com as feias manifestações da lesão neural e se recusa a mostrar as páginas até mesmo à Adriana Albuñuelas.

Estamos aqui falando de outra faceta de Januário. Mais do que cientista atuarial, ele é também um grande artista. Músico e romancista. Compõe simultaneamente a ópera-rock e o livro “A Igreja do Gigante Azul” (coincidentalmente com o mesmo nome deste romance que você tem em mãos). Nesses momentos de febre criativa, devora salgadinhos, especialmente Doritos. Só consegue dormir ao alvorecer e acordar poucos momentos mais tarde para trabalhar. Por isso, fica exausto demais durante o dia.

Quando passar a receber salário regularmente no Serviço Municipal de Esgoto, ele aliviará essa ansiedade passeando pelo centro da cidade. Sairá em busca de discos raros de vinil. Jamais irá se esquecer do primeiro LP do Eric Clapton. Ou então do *Pierrô Lunar*, de Arnold Schoenberg, regido pelo Pierre Boulez. Ou ainda da seleção de sucessos da trilha sonora da novela *O Primeiro Amor*, da Rede Globo.

Mas Januário também caça livros. Numa dessas bancas de livros usados, adquire *Drei Männer im Schnee*, de Erik Kästner. Passa pela Biblioteca Municipal de Tijuco Verde, apanha o dicionário e consegue traduzir a primeira frase do romance: *Milionários estão na moda*. Ele ainda não está na moda. Se ficar na moda, sua mãe terá um gato angorá e o Dr. Basílio Brasília Enéas Elias da Mata será o mordomo.

Januário adora ler. Queria ser um impávido Lima Barreto e não o meloso autor de *Ressurreição*, *Crisálidas*, *Falenas* ou da peça *Lição de Botânica*. Não sossegou até adquirir um exemplar de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que encontrou à venda numa toalha estendida na calçada da Rua do Tesouro. O vendedor era um polonês que migrou para Tijuco Verde depois de ter perdido o emprego de garagista em Varsóvia.

Colecionar livros e LPs foi a forma encontrada por Januário para fazer seus dedos cessarem de datilografar histórias idiotas produzidas pela inflamação. As compras resultavam em algo concreto: chegava em casa com um novo LP, podia molhá-lo na torneira e colocá-lo na vitrola. Já os seus escritos eram tagarelice mental sem objetivo.

Mas ninguém modifica seus hábitos jamais. Se você não fuma há 40 anos, não se iluda! Aqui está ele novamente querendo interferir neste livro, transformá-lo num amontoado de lembranças desconexas. Não se conforma com este recorte temporal – 1986/1987. Uma vozinha interior, no entanto, diz que é melhor conter seu afã de desalojar o narrador em terceira pessoa e assumir o controle do livro:

— Depressa, Januário! A sua vida está no fim e você vai acabar não escrevendo seu livro e não gravando sua ópera-rock. Aproveita que o narrador está ainda com paciência para te aturar.

— OK, vozinha interior, mas eu tenho certeza de que, se for mantido o Décio Linhares e aquele pessoal da SDSE logo no início do livro, vou ficar muito incomodado. Talvez nem autorize sua publicação.

— Se você enveredar pela busca de uma abertura ideal, continuará a errar sempre nas primeiras linhas de um eterno capítulo um, não terminando nunca seu projeto. A vida

tem seu termo e seus projetos literários e musicais vêm sendo postergados desde a adolescência.

A voz interior de Januário volta-se para mim (narrador) e pede paciência:

— Tenho certeza de que ele acabará aceitando o que o autor está escrevendo. Façamos um trato nós dois, sem a interferência do protagonista. Mantenha tudo o que foi escrito até aqui. Diremos a ele que isto é apenas um prefácio, um obscuro registro paleográfico do processo de elaboração do romance. Contabilmente, diremos que a intenção do autor foi apenas de exercitar e fortalecer os dedos do datilógrafo.

**

O romance começa a pegar mesmo agora. Fizemos bem em não descartar o primeiro dia do novo emprego. Ele é marcante para Januário Ladeira. Afinal, trata-se do dia em que foi libertado da férula da Organização Contábil e Imobiliária Duas Pátrias S/C Ltda., onde foi um tosco títere do morruga.

No começo, ele pensa que a SDSE está sendo um mergulho profundo em águas servidas de Tijuco Verde, mas logo verá que tem muito o que fazer por ali, além do que ganhará uma grande amiga: Andréa Albuñuelas. É ela quem lhe conta que o cara que ocupou a mesa dele antes, Oseias Ascensão, é formado em Teologia.

— Ué, mas o meu cargo não é exclusivo para pessoas formadas em Contabilidade?

— Até o ano passado não era assim, Januário. Tinha prova de Contabilidade Prática no concurso, mas bastava ler na véspera umas apostilas do Instituto Universal Brasileiro que qualquer um dava conta na prova. A exigência era estar no 2º ano de algum curso superior. Podia até ser de Música.

— Música? Você disse que o tal de Oséias é teólogo!

— Sim, teólogo! O que estou dizendo é que o cargo de Auxiliar de Contabilidade aqui podia ser ocupado por alguém formado em Teologia, Direito, Música, Engenharia Ferroviária, Veterinária.

— Então o Oséias não é músico?

— Na verdade, também é músico. Tem uma banda de gospel. É meio parecido com você.

Esta última frase de Andréa deixa Januário preocupado. Ela disse que Oséias é “meio parecido com ele”. Parecido como? Simpático ou nojento? Esbelto ou deselegante?

Jovial ou antiquado? Otimista ou depressivo? Sensual ou xoxo? Talentoso ou incompetente? E por que ela disse “Na verdade, também é músico”? Esse “também” está relacionado com o próprio Oséias? Se for, tudo bem: Oséias é teólogo e, também, músico. Mas e se o “também” trouxer oculta a sua pessoa, “também é músico como você, Januário”? Nesse caso, será que chegou aos ouvidos dela que ele é o líder da banda *Lá Bemol*? Ele não tem coragem de perguntar. Pois, se esse “também” foi um acréscimo das aptidões do teólogo, ele ficará frustrado. Pesando os prós e os contras, o melhor é ficar na dúvida.

Andréa fuma demais, tem os dentes amarelos e os cabelos cheiram a cinzeiro. Januário repara que ela arranca o filtro com os dentes e o cospe no chão de forma muito grosseira. Diz a ele que filtro é para quem não curte fumaça. Ora, quem não gosta, não fume! Em seguida, ela lamenta que não se comercialize mais o velho Continental sem filtro.

Do jeito que a estamos descrevendo, os leitores poderão pensar que Andréa é horrível. Não é. Seus olhos são muito bonitos, azuis, ela é extremamente atenciosa com Januário e o chama para tomar café a cada 45 minutos. Por um tempo, Januário até vai pensar que ela está interessada nele. Não está por um motivo muito simples: prefere mulheres.

Andréa Albuñuelas é kardecista. Acredita firmemente na contabilidade celeste: na vida terrena, você tem um cartão de crédito sem teto, pode gastar quanto quiser. Se tiver saldo positivo depois da morte, beleza. Caso contrário, volta para cá para pagar o que ficou devendo.

Januário fica conhecendo a doutrina espírita ao longo dos bate-papos nos momentos do cafezinho. No entanto, ele contesta a contabilidade kardecista de Andréa, por achá-la muito pouco transparente. Hoje em dia, quando você usa o cartão de crédito, a compra aparece discriminada: dia tal, 180 reais - Sushi. Você lê, reconhece a compra, não reclama. Se não a reconhecer, contesta, pede estorno, cancela seu cartão. Na contabilidade kardecista, no entanto, a conta chega sem discriminação, para pagamento na vida seguinte. Aí eles parcelam o débito, digamos, em x anos. Você paga em prestações, passa a adolescência inteira sem ter tido nenhuma experiência sexual e só perde a virgindade aos 30 anos, seu pai morre afogado no lodo industrial depois de um capotamento, sua casa desmorona, seu irmão é lobotomizado e, nos intervalos entre um café requentado e outro, é humilhado gratuitamente pelo seu chefe. Aí você pensa que o débito da outra

encarnação está quitado e a vida boa vai começar. Só que não. O resto da vida correrá ladeira abaixo até chegar numa barraca de camping na calçada da avenida, você com uma camiseta rasgada da seleção brasileira em troca de um prato de arroz com feijão frio no almoço e outro de lasanha azeda no jantar - cortesia da Companhia Mineradora Bedengó, em sua campanha publicitária pelo *impeachment* de Dilma Roussef. E então você quer contestar essa conta. Afinal, o que foi que aconteceu de tão grave na vida anterior? Deus, terá Januário matado seu irmão, ele que não é seu guardião? Ninguém lhe apresenta a fatura com a discriminação dos seus pecados da vida passada. No espiritismo não existe isso de Código do Consumidor.

Januário começa a achar que talvez aquela sua mesa é mesmo reservada para os grandes músicos do Serviço Público de Tijuco Verde. Oséias com sua banda gospel, Januário com sua banda de rock. Lá no cantinho mais recôndito de seu coração, ele preserva o sonho de adolescência: aperfeiçoar seus conhecimentos musicais e se capacitar para a elaboração e o lançamento de seu próprio LP, o *début* de sua própria banda.

*

**

Na adolescência, quando seus pais e seu irmão não estavam em casa, Januário aproveitava para chamar o Benedito Montana, o famigerado. Conheceu-o no Descampado da Mula Manca, um jardim às margens do Córrego da Ratazana, ao lado da ponte da Avenida Coimbra. O parceiro musical era um radical e nunca tomava banho. Não porque fosse porco. Ele simplesmente se recusava a compactuar com o sistema. Por exemplo, acreditava que a dor é uma ilusão fomentada pela indústria farmacêutica para vender Cibalena e AAS. Com o poder da mente, Benedito poderia permanecer por horas com a mão no fogo sem se queimar. Uma vez tentou provar o acerto de sua tese e acabou indo parar num pronto socorro. Boa parte de sua fé advinha dos supositórios veterinários que inalava com o amigo — um supedâneo violento para o lança-perfume e que, na avaliação de Januário, causou aquela inflamação crônica de seu hipocampo.

Benedito Montana disse a Januário que tinha uma gaita e que sabia tocar como o Neil Young e o Bob Dylan. Januário, por sua vez, estava aprendendo violão, já sabia a sequência G / Em / Am / D7 e agora estava aprendendo a sequência E / A / B, a partir da qual as portas do mundo do rock, do blues e do baião estariam definitivamente abertas. O grande desafio, naturalmente, era a pestana: o indicador de sua mão esquerda

pressionando seis cordas não podia abafar o som. Januário não tinha ainda aquela musculatura que só viria a adquirir com os exercícios continuados de datilografia necessários para ingressar no Serviço de Esgoto. Benedito com a gaita, o futuro cientista atuarial com o violão – e a vida inteira à frente. Nesses fins de semana, ficavam gravando longas *jam sessions*. Era a lendária Banda *Lá Bemol* em toda sua pujança. Aqueles encontros renderam umas dez fitas cassete de 90 minutos da Scotch, que eram mais vagabundas do que a Sony ou a TDK. Ao final das gravações, ouviam as fitas e embebiam o remédio num lenço para cheirá-lo. O barato da droga era algo mais intenso do que Anna Karênina sentiu na cena da estação de trem: uma resina bloqueando a respiração e provocando o sufocamento dos rapazes, seguida de queda livre do alto das Cataratas do Iguaçu, tudo a uma temperatura de trinta graus Celsius negativos, seus corpos submetidos a contínuas descargas elétricas de alta tensão na cabeça. Ao cessar o efeito, depois de dois minutos que pareciam um século, o alívio era indescritível. As possíveis sequelas desse vício incapacitaram a dupla para o aprendizado do violão e gaita. Esta incapacidade, porém, jamais os impediu de projetar seus potenciais discos, com a escalação dos músicos participantes, o rol de canções, autores e o tempo de cada gravação - e é nisso que Januário está pensando ao experimentar o assento de sua cadeira que um dia foi do músico Oséias. Um dia ele haverá de gravar exatamente o que deixou esboçado num caderno dos tempos de estudante – o álbum “A Igreja do Gigante Azul”

Encerramos aqui o Capítulo 1 e passamos a responder às questões formuladas com maior frequência.

QUAL ERA A FICHA TÉCNICA DO ÁLBUM PROJETADO?

Lado 1

01 – As bactérias de Orion (J.Ladeira & B.Montana) – Duração: 12m15s

02 – O ataque das aves (J.Ladeira & E.Clapton) – Duração: 6m30s

03 – Porões da percepção (D.Gilmour & J.Ladeira) – Duração: 5m15s

Lado 2

01 – Rock do besouro (J.Ladeira & G.Harrison) – Duração: 4m03s

02 – Bebida estranha (J.Ladeira & D.Gilmour) – Duração: 10m19s

03 – Os adoráveis sermões do Gigante Azul (J.Ladeira) – Duração: 3m58s

04 – Revolta cósmica (J.Ladeira, B.Montana & R.Fripp) – Duração: 5m02s

Músicos:

Januário Ladeira: Guitarra-base e vocais

Benedito Montana: Gaita e vocais

Edgar Scandurra: Guitarra-solo

Arnaldo Dias Baptista: Órgão Hammond e piano

Liminha: Contrabaixo

Dinho: Bateria.

Participações especiais: George Harrison, David Gilmour, Robert Fripp, Keith Emerson, Eric Clapton e Vangelis Papathanassiou.

ERIC CLAPTON NA BANDA DE JANUÁRIO, PODE ISSO?

A esta altura, os leitores já sabem que George Harrison morreu de câncer em 2001 e parece que o Keith Emerson também já bateu as botas, mas na época em que se passa esta história, Januário ainda não precisa procurar substitutos à altura. Quanto à faixa “Ataque das Aves”, em 2020 talvez ele desista de conceder parceria ao Eric Clapton, principalmente depois do que ele andou falando sobre vacina contra COVID-19. Preferirá o Roger Waters, muito embora o Eric toque bem melhor. Terá, nesse caso, que contornar a saia justa com o David Gilmour. Mas estas são especulações apenas. Afinal, nem mesmo sabemos se a Banda *Lá Bemol* continuará existindo até o fim deste livro, muito menos se a Mineradora Bedengó participará de algum golpe midiático-parlamentar no país.

ONDE POSSO OUVIR AS JAM-SESSIONS DA VELHA BANDA?

Pensamos, durante a elaboração deste romance, em colocar na contracapa um CD com a gravação das velhas composições da banda, mas isso não foi possível. É que, depois de muitos remendos e regravações, tudo acabou indo para o lixo. Ademais, Januário teria que realizar algumas adaptações. Por exemplo, seu projeto em 1987 ainda é de gravação de um vinil com duas faces. Quando este romance estiver sendo publicado, talvez nem mais CDs existam. Teríamos que fazer o *upload* para o *Spotify*, e isso é muito burocrático. Que cada leitor imagine as melodias que quiser. Ou as componha, como já fizeram com a fictícia *Never Let Me Go*, do romance de Kazuo Ishiguro.

ACORDES DE LÁ BEMOL SÃO MAIS BELOS?

Não. Nem é verdade que Januário e Benedito tivessem grande apreço pelos acordes de lá bemol, fossem eles maiores ou menores, com ou sem sétima. O nome da banda é

apenas um jogo de palavras – Lá de Ladeira, Be de Benedito, Mo de Montana. O L final deve ser Ladeira de novo. Ou Liberdade. Ou LSD, tanto faz.

É NECESSÁRIO INGRESSAR NUM CONSERVATÓRIO MUSICAL PARA LER ESTE LIVRO?

Não. Analogamente ao que foi dito acerca da desnecessidade de se estudar Biologia para compreender este romance, também não haverá qualquer prejuízo aos leitores sem noção de Teoria Musical. Até eliminaríamos as menções aos acordes cifrados, mas isto seria uma indelicadeza com o protagonista, que tanto preza a sequência G / Em / Am / D7.